

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE PSICOLOGIA

Programa de Iniciação Científica, Tecnológica de Inovação (PIBIC/FAPEMIG), Psicologia

Ana Carolina dos Santos

**A DEBILIDADE MENTAL NA PSICANÁLISE: um estudo de caso do livro “FLORES
PARA ALGERNON”**

Belo Horizonte

2023

Ana Carolina dos Santos

**A DEBILIDADE MENTAL NA PSICANÁLISE: um estudo de caso do livro “FLORES
PARA ALGERNON”**

Projeto apresentado no Programa de Iniciação Científica, no curso de Psicologia de Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Número do Projeto: 2022/27913

Orientadora: Carla de Abreu Machado Derzi

Belo Horizonte

2023

A debilidade mental na psicanálise: um estudo de caso do livro “FLORES PARA ALGERNON”

Ana Carolina dos Santos
Carla de Abreu Machado Derzi

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a posição subjetiva na debilidade, já que, muitas vezes, o sujeito débil é colocado como assujeitado à sua própria história. Além deste objetivo, o trabalho visa também discorrer sobre os conceitos de inibição intelectual e debilidade mental na psicanálise, com contribuições de Freud e Lacan. A abordagem psicanalítica será utilizada para trazer uma concepção do sujeito, e dos efeitos gerados para ele dentro da estrutura familiar. Para Freud, a literatura foi um elemento essencial para o desenvolvimento da sua teoria, mas isso não faz com que uma se reduza a outra, tanto a psicanálise e a literatura têm suas especificidades, contudo a literatura pode servir para transmitir a psicanálise. Sendo assim, este trabalho recolherá a contribuição da literatura, apresentando o romance “Flores para Algernon”, onde a biografia do personagem servirá como um estudo de caso. O livro explora situações da vida deste personagem fictício que possui deficiência intelectual grave, revelando paulatinamente sua posição subjetiva frente à castração. Optou-se pela utilização de uma pesquisa qualitativa, essa escolha se deu pela amplitude de elementos que foram utilizados, como referenciais bibliográficos, periódicos e o livro de literatura.

Palavras-chave: Debilidade; Psicanálise; Literatura.; Inibição; Lacan

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a debilidade mental se iniciou com os trabalhos da psicanalista, Maud Mannoni (Vorcaro e Lucero, 2011). Mannoni relatava que trabalhava com os débeis dentro das instituições. Mannoni ressalta que as próprias instituições colaboraram em colocar esses sujeitos em posição de deficientes, débeis e que não há mais solução para eles. A instituição apenas direcionava uma criança com debilidade para uma psicoterapia em situações que o teste não condiz com o desempenho daquele sujeito, os “falsos débeis”. A debilidade não é um diagnóstico fácil de se reconhecer no seu início, a análise do diagnóstico fica mais clara quando a circunstância da debilidade mental no sujeito já está em um quadro mais grave, podendo acontecer de que essa debilidade só passa a ser descoberta em uma situação acidental.

Mannoni foi a primeira dentro da psicanálise a questionar a debilidade, trazendo uma perspectiva de uma deficiência intelectual para algo além do que só uma deficiência orgânica no sujeito. Ela aponta também o lugar do mundo fantasmático da mãe em relação àquele filho tão esperado que nasceu “defeituoso”. Os pais, mesmo antes do nascimento do bebê, já colocam todos os seus desejos em relação àquela criança que está por vir. As figuras maternas e paternas acabam se frustrando quando o mesmo nasce com alguma deficiência, a mãe que se imaginava fundida a criança, é posta a um encontro com a sua própria falta.

No entanto, quando o sujeito nasce, raramente sua condição orgânica corresponde aos sentidos imaginados pela mãe: o bebê humano nasce prematuro e incapaz. Mesmo assim, a mãe irá adequar seu desejo à realidade da criança e é muito importante que isso aconteça para que o imaginário da mãe não recobre todo o campo do real do organismo. (Vorcaro e Lucero, p. 818, 2011).

Apesar da constituição da estrutura psíquica do sujeito não estar diretamente ligada ao orgânico, essa condição de impotência, pode influenciar na estruturação do sujeito, a debilidade gerada pela condição orgânica, afasta a criança da realidade, criança que acabou de nascer, do filho idealizado. Conforme Ferreira e Batista (2017), na psicanálise não se tem uma definição propriamente dita sobre a deficiência intelectual, a debilidade não é o mesmo que deficiência intelectual. Utilizaremos algumas contribuições de Freud com a noção de inibição e posteriormente em Lacan com o conceito de Debilidade. Para a psicanálise a debilidade é uma posição subjetiva, que esse sujeito está impossibilitado de se ver como um indivíduo

separado do outro. Ele sempre vai precisar do outro até para as necessidades mais básicas, a debilidade pode ser encontrada tanto em pessoas com alguma patologia orgânica quanto em pessoas sem uma patologia orgânica, o que justifica tantas pessoas com o diagnóstico intelectual sem uma etiologia orgânica.

Para o sujeito débil o Outro sempre é completo, o Outro é o dono do saber absoluto, o Outro sempre vai estar para o bebê, para que nada falte ao mesmo. O sujeito débil na sua constituição, toma um caminho diferente, sua imagem fica atrelada à imagem da mãe, ele não se vê sozinho no espelho, mas vê sua mãe que está totalmente ligada a ele. O que traz empecilhos para construir sua própria imagem. “Para construir a própria imagem, é preciso primeiro que o bebê se aliene à imagem de si que lhe é indicada por aquele que se ocupa dele.” (FERREIRA, BATISTA, 2017)

Lacan associa a debilidade ao conceito de inibição feita por Freud, ele define a inibição como uma interrupção na cadeia de pensamentos, o que pode gerar problemas de aprendizagem, “destacou algumas funções que estariam sujeitas a essa dinâmica, como: a função sexual, da nutrição, da locomoção, do trabalho, além de outras inibições específicas.” (FERREIRA, BATISTA, 2017). A psicanálise se ocupa em contemplar o sujeito, sua trajetória e sua história, isso destaca a relevância da psicanálise em trazer estudos e um olhar mais voltado para o sujeito, não só ligado à sua doença, mas como um sujeito menos petrificado no Outro. (FERREIRA I. C. H.; BATISTA C. A. M., 2017).

Optou-se por uma metodologia com pesquisa bibliográfica, as fontes bibliográficas que serão aplicadas na pesquisa é a utilização de publicações periódicas, e livro de literatura, mas nesse trabalho especificamente será utilizado um romance literário, “Flores para Algernon”. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com o uso de materiais que já foram elaborados e utilizados, como livros e artigos científicos, também há pesquisas que utilizam várias fontes bibliográficas, essas fontes possuem uma classificação específica, os livros por exemplo são classificados de duas formas, literatura corrente e literatura de referência, como dito anteriormente utilizaremos a literatura corrente. Segundo Gil (2018) a pesquisa bibliográfica propõe uma grande variedade de referências teóricas, trazendo uma investigação muito mais ampla do que pesquisar diretamente aquele objeto. E em contraponto isso pode influenciar negativamente na qualidade da pesquisa, pode ocorrer dessas fontes secundárias terem sido processadas de uma forma equivocada, a melhor forma de lidar com esse possível

erro é o pesquisador assegurar que irá analisar profundamente aquelas fontes e trabalhando cuidadosamente para descobrir possíveis falhas ou incoerências (GIL, p. 44, 2018).

Preferiu-se a utilização do estudo de caso como uma modalidade dentro da presente pesquisa, o estudo de caso é amplamente utilizado nas ciências sociais e consiste em um estudo extenso e profundo dentro do objeto a ser estudado, o que seria o livro de literatura (romance), "Flores para Algernon". O livro escolhido explora situações da vida do personagem, preserva a obra já que se trata de uma estória ficcional, descreve situações, cotidianos, trajetórias e todo o contexto que é gerado a partir disso. Acompanhamos a trajetória de uma criança com deficiência intelectual, mas todo contexto abordado dentro da história, como o meio social, família, trabalho e amigos nos faz formular hipóteses de um sujeito que está além da sua deficiência. Criamos teorias acerca sobre seu passado, sua história e sua convivência com a família (GIL, p. 54, 2018)

2 ESTUDO DE CASO

Charlie Gordon tem 33 anos, mora sozinho e trabalha em uma padaria. Desde os 6 anos de idade, os professores da sua primeira escola suspeitavam de um “déficit intelectual”, o que fizeram com que convocasse os pais dele para uma conversa com o diretor. A instituição de ensino não queria aceitá-lo, já que não tinha estrutura para receber uma criança com deficiência. Sugeriram para que Rose, a mãe de Charlie, o colocasse em uma escola especializada. Ela não aceita a sugestão, alegando que seu filho é “normal”, que não tem nada de errado com ele e que ele é apenas um pouco mais “lento” que as outras crianças e decide colocá-lo em uma escola pública. Percebe-se que no início de sua infância e antes da chegada de sua irmã mais nova, os pais de Charlie tinham um investimento muito grande com ele, principalmente sua mãe. Ela que sempre desejou ter um filho, contudo sempre teve muita dificuldade para engravidar, finalmente teve a realização do seu desejo da maternidade com a chegada de Charlie.

Segundo Vorcaro e Lucero (2011), nem sempre a criança vai corresponder às expectativas e idealizações dos pais em cima daquele sujeito. Entretanto, isso acaba influenciando na dinâmica familiar e no indivíduo, que em seus primeiros anos de vida está alienado e é o objeto de desejo da mãe. Identifica-se que Charlie ocupa um lugar de “Bebê a Majestade” na vida de seus pais, Freud (2010/1914) em *Introdução ao Narcisismo* nos elucida trazendo o direcionamento libidinal e narcísico que os pais direcionam a criança. Isto é, ao bebê é atribuído todas as perfeições que estes pais supõem que a criança tem, transferindo um discurso que aquele filho vai ter tudo que eles não foram ou que não tiveram. E conseqüentemente esses pais negam as imperfeições dos filhos, como por exemplo a mãe de Charlie a todo momento negando sua condição, no seguinte trecho: “-Ele é normal! Ele é normal! Ele vai crescer que nem os outros. Melhor que os outros- Ele vai para a faculdade algum dia. Ele vai ser alguém”. (KEYES, p.72, 2018)

Charlie ocupa o lugar de falo imaginário para sua mãe, mas antes de explicar este lugar que ele ocupa, deve-se explicar o conceito de falo e de falo imaginário. Segundo Bleichmar (1984), o falo é um significante que tem como função inscrever a falta, mas ao mesmo tempo o falo é o significante do desejo. Utilizando a explicação breve do autor sobre a definição de significante, pode-se entender este conceito como um aspecto material que nele e por meio dele, fica inscrito alguma coisa que é de outra ordem. Um significante pode ser riscado, anulado de sua função, podendo ser substituído por outro significante.

O falo pode ter a função de significante da falta, aquilo que inscreve a falta no sujeito, e também o falo pode dar uma ilusão de completude, de que nada falta; sendo chamado de falo imaginário, por ser da ordem do imaginário, completando a falta. O falo imaginário, como dito anteriormente, pode ser um significante de completude, produzindo a expansão do narcisismo e sua satisfação na criança. Isto se chama, função imaginária do falo, e o objeto que cumpre este requisito, converte-se no falo imaginário. Qualquer coisa pode ser o falo imaginário, contando que atenda o requisito de produzir a sensação de plenitude e de perfeição.

O filho enquanto significante por si só não tem valor, seu valor é dado a partir do que ele significa para a mãe. Para se pensar na criança que ocupa o lugar de falo para mãe, precisa-se levantar o primeiro tempo do Édipo. Segundo Lacan (1999), o primeiro tempo do complexo de Édipo tem como característica a criança estar totalmente fundida ao desejo da mãe, fazendo do desejo do Outro o seu desejo. No primeiro tempo, o menino é o falo da mãe, e a mãe tem o falo, no segundo tempo do Édipo o menino deixa de ser o falo da mãe e conseqüentemente a mãe deixa de ter o falo. Contudo mais a frente vamos compreender compreender que Charlie não alcança o segundo tempo do Édipo, permanecendo apenas no primeiro. Ainda no primeiro tempo, para o menino não existe um falo simbólico, ele crê ser o falo e que não existe algo além dele.

Para Rose, é difícil ver Charlie castrado, pois ele era o menino perfeito, que não tinha nenhum defeito, como por exemplo nesta fala “-Ele não é “burro”. Ele é normal. Ele vai ser que nem todos (KEYES, p.74, 2018)”. O impacto do diagnóstico de Charlie apresentar uma deficiência intelectual, leva a mãe a negar e não conseguir lidar com essa ferida narcísica. Charlie passa a identificar-se com essa imagem de perfeição, toma da mãe o desejo de ser perfeito, em outras palavras, o de ser inteligente. O menino não simboliza o falo, ele o é, sendo assujeitado à mãe, ele é um objeto imaginário. Nesse caso o falo não tem a função de inscrever a falta, mas tem a função de falo imaginário, aquele que vai dar a ilusão de completude, de que nada falta. Lacan nomeia essa mãe que sente que nada lhe falta e que está

completa, como “Mãe Fálica”, a mãe é uma rainha que tem um súdito, a quem ela vai direcionar a lei de desejo do filho; que é alienado do seu desejo, como no presente caso.

A partir dessas análises, retomo a ideia de que Charlie se encontra no primeiro tempo do Édipo. Isto é, ele está em uma posição de objeto do Outro, momento que a criança vai procurar ser o objeto de realização do desejo da mãe. Entretanto Charlie nunca sai da posição de objeto de desejo do Outro, e trazendo para si o desejo do Outro como de si próprio; este trecho retirado do livro exemplifica bem este lugar de Charlie sendo sempre o objeto do Outro: "Charlie não sabe por que fazem tanto rebuliço nem por que sempre querem falar com ela (ele preferia jogar bola ou pega-pega ou chutar umas latinhas), mas todos os garotos são apaixonados por Harriet, então, ele também é apaixonado por ela." (KEYES, p.55, 2018).

Nesse excerto fica claro a identificação que Charlie tem do Outro, “todos gostam de Harriet” então ele passa a ter o mesmo desejo, ou seja, também gosta de Harriet. Neste caso, o desejo de Charlie é o desejo do outro, destaco “outro” com letra minúscula por se tratar do semelhante. Com esse relato também podemos identificar uma segunda informação, este evento nos dá indícios de que Charlie não passou pelo complexo de castração e ainda continua no primeiro tempo do Édipo. Charlie deixa de ocupar o lugar de falo imaginário para Rose, com a chegada da sua irmã Norma, percebemos uma troca de objeto desta mãe narcísica.

Freud, no texto “Introdução ao Narcisismo”, traz como exemplo o tipo narcísico de escolha de objeto, e nos esclarece como isso funcionaria no caso de uma mulher deste tipo de escolha libidinal. Esta mulher que teria sua libido direcionado ao que ela mesma é, quando tem um filho passa a centralizar esta libido para o filho. Conseguimos perceber este exemplo com o presente caso, a mãe de Charlie passa a direcionar toda a sua libido para o seu filho desejando que ele seja normal, como nesta determinada fala de Rose: “-Porque eu quero que ele seja que nem todo mundo. “Mas quando ela tem uma filha “normal” descarta Charlie dizendo que ele não é o seu filho (FREUD, 2010/1914).

Para Rose, Charlie passa do lugar de falo imaginário ao lugar de dejetivo a partir do nascimento de sua irmã., pois com a chegada de sua irmã mais nova Norma, a performance familiar na casa de Charlie muda completamente. A mãe que investia tempo e dinheiro no tratamento do filho, mascarando sua falta e acreditando na cura completa de seu filho, passa a rejeitar Charlie e o não aceita como filho. Charlie lembra da sua mãe e diz que ela era uma mulher gentil, mas que depois que sua irmã nasceu a mãe deixa de ser gentil e ela teme que ele faça algum mal à irmã. Com este trecho podemos avaliar que a mãe já interpreta Charlie

de uma outra forma, como tendo uma possível rivalidade fraterna, ruptura tomada por Charlie como impossível de ser vivenciada.. Pode-se levantar a hipótese da dificuldade de Charlie se separar de sua mãe com o nascimento da irmã, o que confirma que ele não consegue alcançar o segundo tempo do Édipo.

Retomando o diagnóstico feito pela primeira escola de Charlie é necessário esclarecer que a deficiência intelectual é uma condição que possui diversos elementos para suas causas, podendo ser cognitivo e adaptativo. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014), a deficiência intelectual possui quatro níveis de gravidade: leve, moderada, grave e profunda. De acordo com o DSM-V (2014), as características principais para o diagnóstico da deficiência intelectual são o indivíduo apresentar déficits nas suas capacidades mentais genéricas e prejuízo na função adaptativa diária, em comparação a outras pessoas da mesma idade, gênero e aspectos culturais.

Mas antes de pensarmos num atraso cognitivo e intelectual, pela perspectiva da psicanálise há uma posição de debilidade em Charlie, tomando o saber do Outro como sendo o seu saber. Não nos deteremos no diagnóstico de deficiência intelectual pela impossibilidade de estabelecê-lo, pois não temos acesso aos testes realizados por Charlie e nem aos dados de Charlie recolhidos pelos médicos e outros profissionais. Entretanto, pela sua biografia, temos elementos para levantarmos a hipótese de debilidade mental. Para a psicanálise a debilidade é uma posição subjetiva, em que o sujeito está impossibilitado de se ver sem a ajuda do Outro, ele sempre vai precisar do Outro até para as necessidades mais básicas, assim ele se petrifica no Outro já que toma o saber do Outro como sendo o seu.

A debilidade pode ser encontrada tanto em pessoas com algum déficit orgânico quanto em pessoas sem uma deficiência orgânica, justificando a existência de diagnóstico de crianças com debilidade sem uma etiologia orgânica (FERREIRA, BATISTA, 2017). Quando Charlie começa a não corresponder o desejo daquela mãe, sua posição débil acaba colocando em evidência a impotência de Rose como mãe, escancarando a castração de Rose e, ao mesmo tempo, sua incapacidade de lidar com ela. A debilidade evidencia um enorme risco ao ideal que ela encarna, implicando, muitas vezes, a destituição da possibilidade de ela realizar o ideal: afinal, saúde é sinônimo de realização plena (Vorcaro, 1998).” A mãe de Charlie não se dá conta da própria castração e não “aceita” que seu filho possa ter algum problema, o coloca em uma escola pública e lhe dá tapas enquanto ele estuda, para ele conseguir aprender. Observa-se que não há espaço para as faltas de Charlie, e a castração se encontra foracluída.

Há um outro conceito que podemos articular com a debilidade mental, o conceito de inibição em Freud. No início da teorização de Freud, a inibição aparece como um mecanismo

de defesa do aparelho psíquico contra a geração excessiva de desprazer. Porém o conceito de inibição sofre uma reviravolta quando Freud publica o texto “Inibição, sintoma e angústia”. A inibição acaba se tornando uma das principais problemáticas na clínica da criança (Bleichmar, 1984).

Segundo Freud, a inibição não é necessariamente algo patológico e sim a restrição de uma função. A inibição não é o mesmo que um sintoma, entretanto a inibição pode ser um sintoma para o sujeito. Freud dá o exemplo de uma das principais funções, a função sexual, que está mais propensa a sofrer inibições e como a inibição pode funcionar neste caso; o homem pode sofrer com a falta de ereção, e a ejaculação precoce. “Várias inibições são claramente renúncias à função, pois o exercício desta produziria angústia” (FREUD, pag. 11, 2014). Trata-se de se deparar com a angústia de castração, assim para o sujeito esquivar da castração ele restringe sua função, inibindo-a. No caso das mulheres essa inibição pode ocorrer de formas diferentes da do homem, por questões socioculturais, e Freud usa o exemplo das histéricas, enfatizando o medo da função sexual, como um tipo de “nojo” e entre outros (FREUD, 2014).

Santiago (2005) em seu texto “A inibição intelectual na psicanálise”, nos apresenta um caso clínico em que uma criança está vivendo uma situação parecida à de Charlie. A criança do caso clínico de Melanie Klein passa a ter dificuldade em aprender 3 palavras, e a inibição intelectual se deu pelo fato do garoto desejar agredir seu irmão, porém o sentimento de culpa gerado pelo supereu é tão grande e angustiante, que a inibição é a forma sintomática do desejo inconsciente desta criança. No caso em específico de Charlie, sua irmã torna-se uma rival e sua mãe antes da chegada da irmã era uma pessoa gentil.

Com a chegada desta terceira pessoa, ela passa a não ser mais gentil; e a mãe desloca Charlie neste lugar de falo imaginário dela. A inibição intelectual de Charlie se desencadeia após o nascimento de sua irmã, esse fato o leva a um colapso narcísico que evidencia sua castração, ele deixaria de ser objeto do Outro e evidenciaria sua própria falta. Charlie se inibe para não pagar o preço da castração, continuando no lugar de débil e objeto de desejo do Outro. Charlie é uma criança que se encontra na posição débil, sendo assim inibido intelectualmente, classificado pelo contexto dele, como deficiente intelectual.

Os anos passam e Charlie se vê expulso de sua própria casa aos 16 anos, “Sua mãe surta de vez, pega a faca e faz várias ameaças ao marido para que ele leve o garoto embora. “Eu não aguento! Ele tem que ir! Nós temos que pensar nela. Não vou permitir que ela (irmã) volte da escola todos os dias chorando porque as outras crianças riem dela. Não podemos destruir a chance de uma vida normal por causa dele” (KEYES, p.171, 2018). Neste período

ele é mandado para a instituição “Residência Pública Warren”, uma residência que pessoas com alguma deficiência intelectual eram mandadas, e ficavam lá por tempo indeterminado, Charlie começa a trabalhar na padaria do amigo de seu pai e fica lá até os seus 33 anos. Desde este período Charlie começa a frequentar uma escola para adultos “retardados”, que tinha parceria com a Residência Pública Warren, para se tornar inteligente. Ele fica anos na escola, conseguindo aprender a ler e a escrever.

O sujeito débil sempre está flutuando entre dois discursos, o discurso da mãe e o discurso da ciência, mesmo circulando entre os dois discursos, Charlie está sempre na posição de objeto do Outro, seja esse Outro a mãe ou a ciência. Charlie também está desde a sua infância flutuando no discurso da mãe, sendo o objeto de desejo da mãe, que era que ele se tornasse inteligente e se alienando ao Outro não inscrevendo espaço para o desejo dele. Um grupo de cientistas da universidade que trabalha em conjunto com a escola para alunos “retardados”, tem a proposta de trazer uma cirurgia que vai revolucionar a ciência; fazendo com que um adulto de QI baixo se torne inteligente. A partir daí Charlie se vê preso tanto no discurso materno e agora no discurso da ciência, a ciência como quem detém o saber, a verdade sobre ele, e ligada a um Outro absoluto, só o Outro possui o saber sobre ele, corroborando sua posição débil e assim, objetalizado pelo Outro.

Para Lacan (1999) o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e a linguagem só se inaugura a partir da fala do Outro. Isto é, o bebê só terá seu estatuto desenvolvido através da fala do Outro (mãe). A criança desde o seu nascimento é marcada pelo desejo de seus genitores, como por exemplo os pais cobiçarem que seu filho siga o mesmo caminho que eles, seja em relação a profissão, suas relações sociais e até mesmo na sexualidade. Por esta razão o sujeito da alienação aparece no Outro. O Outro nos banha com os primeiros significantes, que são os significantes mestres. E estes primeiros significantes Lacan os denomina como significante mestre. O sujeito fica petrificado na representação deste primeiro significante que vem do Outro e perde parte de seu ser, se prendendo em uma suposta totalidade que não existe.

Neste sentido, a alienação e separação são uma das operações básicas para o sujeito. Durante a alienação, o sujeito encontra-se em posição de falo imaginário para este Outro. Os significantes permanecem no nível do não-senso, não havendo sentido lógico que podemos interpretar a priori, sendo capaz de ser explorada posteriormente, porém ressaltando que se trata de identificações que não têm nenhum sentido, trata-se de marcas sem sentido. Sobretudo é necessário alcançar a separação, a criança sair da posição de falo e de gozo para o Outro.

Na separação o sujeito se depara com a falta do Outro, isto é, a criança se depara com um sujeito barrado (\$) pela falta. “O desejo humano para se constituir enquanto tal, é um desejo que incide sobre um desejo” (QUINET, 2000, p 92) Contudo na primeira falta o sujeito não pode ser inteiramente representado no Outro, sempre há uma lacuna, uma falta no desejo do Outro. Soler (1997) aponta que para Lacan é a partir da fala que a impossibilidade do sujeito pode aparecer, não conseguimos ter uma ideia clara do que realmente queremos, do nosso desejo. Nunca vamos falar o que de fato queremos, o que desejamos, sempre haverá um vazio.

Lacan (1985) no seminário 11 traz como exemplo o momento que a criança começa a fazer várias perguntas e questiona os “porquês” da vida. E nesse momento o adulto também se depara com uma parte dele que também falta, que está perdida; não sabemos várias respostas para as nossas perguntas e nunca conseguiremos completar esta parte perdida. Para reconhecermos nosso próprio desejo e sair da alienação, o sujeito tem que se confrontar com a falta no desejo do Outro e nos anunciar como sujeitos desejante e também barrados pela falta. E nos deparamos com uma segunda falta, o sujeito já constituído pelos seus significantes e desprendido do desejo do Outro, percebe-se um resto, o objeto *a*. Portanto Charlie se encontra como um sujeito alienado, preso nos significantes que foram sendo colocados para ele, do saber se encontra no Outro. Para Lacan (2008) o débil não está solidamente instalado na linguagem, um sujeito que não faz qualquer questionamento, vivendo e agindo, mas não pensando sobre si e inteiramente petrificado no Outro.

Em seu livro “As Psicoses na Infância” a autora traz um debate no que diz respeito à psicose na infância. Barroso (2014) inicia a discussão retomando o que a sociedade e a psiquiatria enxergavam sobre a infância (enfance), e como isso influenciava no questionamento sobre as psicopatologias infantis. Com isto sendo firmado, percebemos um certo atraso quando a psiquiatria começa a ter um olhar em relação às doenças infantis. A posteriori a autora retoma a Freud com o seu conceito de psicose, com a forclusão do Nome do Pai. Entretanto fazemos a seguinte pergunta: a debilidade é uma psicose? Voltando ao texto a autora traz duas temáticas mais faladas no campo da psiquiatria infantil, a esquizofrenia e o autismo. Utilizando os dois temas, Barroso (2014) pontua a importância de conceituar esses dois tópicos, trazendo argumentação de vários teóricos da psiquiatria.

Em suma, a discussão se resume em dois pontos, se essas doenças se tratam apenas do campo biológico ou psíquico. Com a psicose infantil ainda tornando-se um tema de debate e de questionamentos, não têm uma fronteira exata entre a debilidade e a psicose, podendo as mesmas serem encontradas juntas. Porém a debilidade pode desempenhar um papel de

estabilização da psicose, como podemos identificar no caso de Charlie, que diante da castração, desencadearia uma psicose.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi de escutar o sujeito débil para além do seu diagnóstico. Conhecemos o caso de Charlie Gordon, protagonista do livro “Flores Para Algernon”, entendemos e analisamos toda a sua trajetória e histórico familiar como sujeito. Às vezes nem sempre a criança vai satisfazer todos os desejos e idealizações de seus genitores, esses pais que não querem se deparar com as suas próprias faltas. Transcorremos nas contribuições de Freud e Lacan, trazendo discussões acerca dos conceitos de debilidade e inibição na temática da pesquisa, relacionando essas conceituações com o caso.

A noção de debilidade nem sempre esteve clara e demandou bastante tempo de estudos e pesquisas, a ideia de debilidade mental primeiramente surgiu como uma noção da psiquiatria. Entretanto a debilidade foi sendo colocada em outros campos científicos, como a pedagogia, psicologia e conseqüentemente na psicanálise. Como discutido anteriormente, a psicanalista Maud Mannoni foi a precursora da debilidade na psicanálise, apesar da sua obra atualmente ser bastante criticada, não podemos deixar de pontuar sua importância na época. E

sem a realização de suas pesquisas, a psicanálise não teria evoluído e não teríamos a debilidade que conhecemos hoje.

A noção de debilidade para a psicanálise não é a mesma da psiquiatria, ela diz de uma posição subjetiva do sujeito, a debilidade mental para a teoria, pode aparecer em sujeitos com ou sem um déficit orgânico. O desenvolvimento deste projeto não se propôs a definir e nem explicar a debilidade da psiquiatria, que atualmente é conhecida como deficiência intelectual. Entretanto uma pessoa com déficit orgânico como no caso clínico desenvolvido acima podemos visualizar como a debilidade se aproxima da inibição. Freud com o conceito de inibição intelectual mostra que a psicanálise sempre se atentou a esta temática, a clínica da criança sempre esteve presente na teoria. A inibição aparece como um mecanismo de defesa do sujeito em algo que diz a respeito às várias funções, porém ele enfatiza a função sexual. Esta função pode inibir o sujeito a escrever determinada palavra ou sofrer com algum sintoma relacionado a sua vida sexual e entre outras possibilidades. Debilidade e inibição intelectual não necessariamente se identificam como ilustra o caso de Charlie, mas são conceitos que se aproximam, já que nos remetem à castração.

O resultado da pesquisa foi a elaboração de um caso clínico com base nos conceitos de debilidade, inibição intelectual, alienação e separação juntamente com o livro de ficção científica “Flores para Algernon”. Em suma, o estudo de caso aborda a história de vida de Charlie, um indivíduo diagnosticado com deficiência intelectual grave, analisamos o seu lugar como um sujeito débil e sua posição frente à castração. Charlie não atendeu aos desejos dos pais de ser o filho perfeito e nem o de falo imaginário da sua mãe, colocando para si o desejo da mãe de ser inteligente, se alienando e petrificando no desejo do Outro.

Devemos ressaltar a importância da literatura na construção deste projeto e também na criação da própria psicanálise por Freud. Desde o início de sua teorização os livros de literatura fictícia sempre foram objetos de estudos para a psicanálise, e observamos a relevância dos mesmos em várias produções científicas atualmente. Relacionar a teoria com um livro de literatura não foi uma tarefa fácil, mas a riqueza do conteúdo presente no livro nos ajudou a dar um olhar sensível e analítico para o caso.

A importância do tratamento analítico para Charlie ajuda com que ele encontre suas possibilidades frente à aprendizagem e seus limites, já que a debilidade pode funcionar como uma solução fundamental para a estabilização da psicose. As contribuições de Freud e Lacan são significativas para agregar em conjunto com outras produções teóricas que se aprofundam na teoria psicanalítica. A falta de produções científicas acerca deste tema nos periódicos brasileiros é ainda bastante presente, com a maioria de suas produções na língua francesa.

Após isto, sinalizo a relevância desta pesquisa para o campo acadêmico, na clínica, e igualmente para a minha evolução acadêmica durante a graduação.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Suzana Faleiro. **As Psicoses na Infância: o Corpo sem a Ajuda de um Discurso Estabelecido**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2014. 424 p.

BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões: teoria do Édipo em Freud e Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 84 p.

DSM-V. **Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FELDSTEIN, R. et al. **Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA I. C. H. BATISTA C. A. M. O olhar da psicanálise sobre a deficiência intelectual: de copista a autor de sua própria história. **Inclusão Social**, v. 10, n. 2, 1 dez. 2017.

FREUD, Sigmund. **Freud (1914-1916) introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 312 p.

FREUD, Sigmund. **Freud (1926-1929) - o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 400 p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2009

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

KEYES, Daniel. **Flores Para Algernon**. São Paulo: Aleph, 2018. 288 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 536 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 280 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 416 p.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente: Do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 164 p.

SANTIAGO, Ana Lydia. **A inibição intelectual na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 331 p.

VORCARO, Ângela; LUCERO, Ariana. A criança e a debilidade mental: uma abordagem lacaniana. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 813-832, 29 nov. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642011005000034>.